

### 3. OS INDIVÍDUOS PARTICIPAM DIFERENTEMENTE DE SUA CULTURA

---

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade.

Com exceção de algumas sociedades africanas — nas quais as mulheres desempenham papéis importantes na vida ritual e econômica —, a maior parte das sociedades humanas permite uma mais ampla participação na vida cultural aos elementos do sexo masculino. Grande parte da vida ritual do Xingu, por exemplo, é interdita às mulheres. Estas não podem ver as flautas Jacui e as que quebram esta interdição sofrem o risco de graves sanções. Em alguns segmentos de nossa sociedade, o trabalho fora de casa é considerado inconveniente para o sexo feminino. Como já discutimos este tema na primeira parte deste trabalho, quando tratamos dos determinismos biológicos, vamos nos limitar a uma discussão mais ampla das restrições decorrentes das categorias etárias.

É óbvio que a participação de um indivíduo em sua cultura depende de sua idade. Mas é necessário saber que

esta afirmação permite dois tipos de explicações: uma de ordem cronológica e outra estritamente cultural.

Existem limitações que são objetivamente determinadas pela idade: uma criança não está apta para exercer certas atividades próprias de adultos, da mesma forma que um velho já não é capaz de realizar algumas tarefas. Estes impedimentos decorrem geralmente da incapacidade do desempenho de funções que dependem da força física ou agilidade, como as referentes à guerra, à caça etc. Entre outras funções podemos incluir as que dependem do acúmulo de uma experiência obtida através de muitos anos de preparação. Torna-se fácil entender por que estas são interditas às crianças e aos jovens e reservadas às pessoas maduras, como certos cargos políticos etc.

No primeiro tipo de impedimento etário as razões parecem ser bastante evidentes, o que não ocorre com o segundo tipo, quando tratamos das razões determinadas culturalmente. Por que um jovem aos 18 anos pode votar, ter um emprego, ir à guerra, se não pode casar, manipular os seus bens financeiros antes dos 21 anos sem a autorização paterna? Por que um homem necessita ter 35 anos para ser um senador? Qual o argumento para impedir o acesso ao mesmo cargo para um homem de 34 anos? Por que uma jovem com 18 anos pode assistir a um determinado filme e uma outra com 17 anos, 11 meses e 20 dias não o pode? Por que um assassino com exatamente 18 anos pode ir a julgamento e outro com um dia a menos de vida recebe um tratamento diferenciado?

Estas e outras questões estão relacionadas com a determinação do limite entre as classes etárias, ou seja, como

separar objetivamente adolescentes de adultos, sem incorrer em algum tipo de arbitrariedade?

Os grupos tribais utilizam métodos mais evidentes para estabelecer esta distinção: uma moça é considerada adulta logo após a primeira menstruação, podendo a seguir exercer plenamente todos os papéis femininos. Em contrapartida, pode-se afirmar que é evidente que uma jovem de 12 ou 13 anos não está ainda adequadamente socializada para exercer esses papéis numa sociedade complexa. Mas mesmo numa sociedade simples a determinação idêntica para um jovem do sexo masculino não parece ser tão fácil. Provavelmente depende do desempenho individual dos candidatos a um novo status.

Mas, qualquer que seja a sociedade, não existe a possibilidade de um indivíduo dominar todos os aspectos de sua cultura. Isto porque, como afirmou Marion Levy Jr.,<sup>1</sup> “nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, em nenhuma sociedade são todos os indivíduos igualmente bem socializados, e ninguém é perfeitamente socializado. Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspectos de sua sociedade; pelo contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos”. Exemplificando: Einstein era um gênio na física, um medíocre violinista e, provavelmente, seria um completo desastre como pintor.

O importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros. Somente assim é possível o controle

de determinadas ações. Apesar disso tudo há sempre o risco de perda do controle da situação, porque “em nenhuma sociedade todas as condições são previsíveis e controladas”.<sup>2</sup>

De fato, os indivíduos podem perder o controle da situação, embora na maioria dos casos isto não seja verdadeiro. E não o é porque o conhecimento mínimo referido abrange um certo número de padrões de comportamento que são regulares e, portanto, permitem a previsão.

Todos os membros de nossa sociedade sabem que uma forma cortês de solicitar algum tipo de favor é a de preceder o pedido com a expressão “por favor”. Sabem também da necessidade de agradecer formalmente o atendimento conseguido com as palavras “muito obrigado”, sob a pena de não mais conseguir nada de seu interlocutor se esquecerem de pronunciar estes simples vocábulos. Estas palavras, pois, fazem parte de nossos padrões de comportamento e ignorá-las significa o rompimento de uma regra e, conseqüentemente, a impossibilidade de prever a resposta. Assim, a solicitação de um favor em termos imperativos pode provocar, entre outras, as seguintes ações: o interlocutor atende ao pedido; finge não ouvir o pedido; nega em termos ríspidos atender ao pedido; ou retruca com um forte palavrão. Estas alternativas somente ocorreram porque foram rompidos padrões de comportamentos que asseguravam a possibilidade de uma previsão.

Tomemos, ainda como exemplo, os nossos termos de parentescos. Se uma pessoa denomina outra de pai, ela espera um determinado tipo de comportamento que geralmente a beneficia. Daí a expressão popular: “negócio de pai para filho”. As pessoas sabem como agir e podem prever a ação do outro, mesmo quando diante de um pai com o qual nunca teve um contato anterior.

Um candidato a um emprego sabe que o empregador dispõe apenas de duas alternativas básicas: conceder-lhe o lugar ou não. A surpresa ocorrerá, apenas, se o empregador agir de maneira inusitada, não prevista pelas duas possibilidades de respostas.

Nem sempre, porém, a falta de comunicação acontece porque um padrão de comportamento foi quebrado, mas porque às vezes os padrões não cobrem todas as situações possíveis. Tal fato ocorre em períodos de mudança cultural e, principalmente, quando estes são determinadas por forças externas, quando surgem fatos inesperados e de difícil manipulação. São situações sem precedentes e que, portanto, não são controladas pelo conjunto de regras ordinárias. Nem sempre os indivíduos envolvidos conseguem utilizar sua tradição cultural para contorná-las sem provocar conflitos. Alan Beals transcreve um texto de Robert Murphy, acerca dos índios Munduruku, localizados no rio Madeira, que serve como exemplo para este tipo de situação:

Isto ocorreu ao jovem chefe Munduruku, quando chamado Biboi. Ele era o filho de um chefe, mas tinha sido educado por um comerciante brasileiro e se sentia superior a seus companheiros. Foi o comerciante que o nomeou capitão de Cabitutu. O papel de capitão consistia em servir de intermediário entre o grupo e as necessidades de comercialização do caucho por parte do comerciante. Em Cabitutu, Biboi não tinha parentes e era considerado muito jovem e por isto tinha menos prestígio que muitos homens do povoado. No intento de fortalecer sua posição, Biboi casou com uma viúva vários anos mais velha que ele. Considerando a mulher

pouco atraente, trouxe para casa uma segunda mulher. A primeira esposa não gostou e atacou a jovem. Os irmãos da primeira obrigaram Biboi a despedir a segunda esposa e afastá-la do povoado. Biboi, então, estabeleceu a jovem em Cabruá, o povoado de seu pai.

Tendo deixado a sua formosa esposa num lugar seguro, como a casa de seu pai, Biboi voltou a Cabitutu para arranjar as coisas e acalmar os descontentes. Mas continuou com as suas maneiras arrogantes e exigentes, e assim os sentimentos do povoado foram se inflamando sem que ele recebesse nenhum apoio de sua primeira esposa e de seus parentes. Entre eles foi crescendo cada vez mais a determinação de exterminá-lo.

Enquanto isto, a pessoa de sua jovem esposa não estava tão segura como Biboi acreditava. Seu esposo estava ausente e ela era uma moça desacompanhada; a sua retidão não foi suficiente para fazer frente aos homens de Cabruá. Breve todos os homens do povoado, com exceção daqueles que eram afetados pela proibição do incesto, desfrutaram os favores da jovem esposa de Biboi...

O equilíbrio do poder e da moral favorecia os oponentes de Biboi, e o esforço dos que o apoiavam tornou-se cada vez mais difícil em virtude do fato de que Biboi havia quase deixado de ser uma pessoa social, as regras já não se aplicavam a ele. Nós mesmos deixamos o lugar antes de que caísse o pano deste pequeno drama social, mas já se podia prever a conclusão. Esta se tornou mais evidente após a nossa saída, quando Caetano caiu de uma palmeira e ficou gravemente ferido durante vários dias. Sabendo que o povo de Cabitutu lhe daria a morte

tão logo soubesse do falecimento de seu pai, Biboi voltou imediatamente a Cabruá e ali permaneceu até que o ancião conseguisse recuperar-se. Durante este período Biboi se acercou de mim e disse: "Sabe, se meu pai morrer, partirei desta terra e viverei na margem do rio Tapajós." Perguntei por que ele se ia, Biboi respondeu: "Porque é muito bonito lá." Biboi sabia que a sua vida como membro dos Munduruku estava terminada.<sup>3</sup>

Biboi é um homem que não se sente em nenhuma cultura. Não soube manejar as regras para viver bem na sociedade Munduruku — ele se considerava muito superior a eles e acreditava poder ensiná-los. Estava colocado em um status que não lhe pertencia e onde não podia ter êxito já que não contava com o apoio de parentes. No final teve que escolher entre a morte ou o exílio.<sup>4</sup>

O exemplo descrito acima mostra o que pode ocorrer com uma pessoa que, por força de uma socialização inadequada, não conhece as regras de seu grupo. Embora nenhum indivíduo, repetimos, conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Além disto, este conhecimento mínimo deve ser partilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos. Um médico pode desconhecer qual a melhor época do ano para o plantio de feijão, um lavrador certamente desconhece as causas de certas anomalias celulares, mas ambos conhecem as regras que regulam a chamada etiqueta social no que se refere às formas de cumprimentos entre as pessoas de uma mesma sociedade.

## 4. A CULTURA TEM UMA LÓGICA PRÓPRIA

---

Já foi o tempo em que se admitia existirem sistemas culturais lógicos e sistemas culturais pré-lógicos. Levy-Bruhl, em seu livro *A mentalidade primitiva*<sup>1</sup>, admitia mesmo que a humanidade podia ser dividida entre aqueles que possuíam um pensamento lógico e os que estavam numa fase pré-lógica. Tal afirmação não encontrou, por parte dos pesquisadores de campo, qualquer confirmação empírica. Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo.

A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence.

Um trabalho fundamental para a compreensão deste problema é o livro de Claude Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem*<sup>2</sup>, que refuta a abordagem evolucionista de que as sociedades simples dispõem de um pensamento mágico que antecede o científico e que, portanto, lhe é inferior. “O pensamento mágico — diz Lévi-Strauss — não é um começo, um esboço, uma iniciação, a parte de um todo que não se realizou; forma um sistema bem articulado, independente deste outro sistema que constituirá a ciência, salvo a analogia formal que as aproxima e que faz do primeiro uma

expressão metafórica do segundo.” Assim, ao invés de um contínuo magia, religião e ciência, temos de fato sistemas simultâneos e não-sucessivos na história da humanidade.

A ciência não depende da dicotomia entre os tipos de pensamento citados acima, mas de instrumentos de observação, pois como enfatizou Lévi-Strauss: “o sábio nunca dialoga com a natureza pura, senão com um determinado estado de relação entre a natureza e a cultura, definida por um período da história em que vive, a civilização que é a sua e os meios materiais de que dispõe.”

Sem estes meios materiais o homem tem que tirar conclusões a partir de sua observação direta, valendo-se apenas do instrumental sensorial de que dispõe. Assim, não é nada ilógico supor que é o Sol que gira em torno da Terra, pois é esta sua sensação. Uma conhecida nossa perguntou a um caipira paulista como é que o sol morre todos os dias no Oeste e nasce no Leste. “Ele volta apagado durante a noite”, foi a resposta que obteve. Menos que um pensamento absurdo, trata-se de uma outra concepção a respeito do universo, obviamente diferente da nossa, que dispomos das informações obtidas por sofisticados observatórios astronômicos.

Sem o auxílio do microscópio é impossível imaginar a existência de germes, daí ser mais fácil admitir que as doenças são decorrentes da intromissão de seres sobrenaturais malignos. E, conseqüentemente, o tratamento deve ser formulado a partir de sessões xamanísticas, capazes de controlar e exorcizar essas entidades.

Em um outro artigo mostramos que o fenômeno do aparecimento da vida individual só é explicado através da mediação de equipamentos ópticos que a humanidade somente recentemente passou a possuir:

O homem sempre buscou explicações para fatos tão cruciais como a vida e a morte. Estas tentativas de explicar o início e o fim da vida humana foram sem dúvida responsáveis pelo aparecimento dos diversos sistemas filosóficos. Explicar a vida implica a compreensão dos fenômenos da concepção do nascimento. Estas são importantes para a ordem social. Da explicação que o grupo aceita para a reprodução humana resulta o sistema de parentesco, que vai regulamentar todo o comportamento social.

Nem sempre as relações de causa e efeito são percebidas da mesma maneira por homens de culturas diferentes. E hoje todos sabem que o homem só pode compreender o mistério da vida quando dispõe de instrumentos que lhe permitam desvendar o mundo do infinitamente pequeno. O homem tribal não possuía microscópios. E teve que construir a partir de suas simples observações as teorias que durante séculos e ainda hoje têm a validade das verdades científicas.

Para os habitantes das ilhas Trobriand, no Pacífico, não existe nenhuma relação entre a cópula e a concepção. Sabem, apenas, que uma jovem não deve mais ser virgem para ser penetrada por um "espírito" de sua linhagem materna, que vai gerar em seu útero uma criança. Esta criança estará ligada por laços de parentesco, apenas, aos parentes da jovem, não existindo em Trobriand nenhuma palavra correspondente à que utilizamos para definir o pai.

O homem que vive com a mulher será chamado pela criança por um termo que podemos traduzir como "companheiro da mãe".

Esta idéia de reprodução sexual não impediu que os habitantes de Trobriand notassem a semelhança física que ocorre entre a criança e o "companheiro da mãe". A explicação encontrada foi a de que a criança convive diariamente com aquele homem e dele copia os gestos, o modo de falar, as expressões faciais, dando a ilusão de uma semelhança. Além disto, deve-se considerar que o limitado estoque genético de um grupo excessivamente endogâmico não torna tão relevante a identidade física.

Por outro lado, os índios Jê, do Brasil, correlacionam a relação sexual com a concepção mas acreditam que só uma cópula é insuficiente para formar um novo ser. É necessário que o homem e a mulher tenham várias relações para que a criança seja totalmente formada e torne-se apta para o nascimento. O recém-nascido pertencerá tanto à família do pai como à da mãe. E se ocorrer que a mulher tenha, em um dado período que antecede ao nascimento, relações sexuais com outros homens, todos estes serão considerados pais da criança e agirão socialmente como tal.

Outra é a concepção dos índios Tupi, também do Brasil. Para estes, a criança depende exclusivamente do pai. Ela existe anteriormente como uma espécie de semente no interior do homem, muito tempo mesmo antes do ato sexual que a transferirá para o ventre da mulher. No interior desta, a criança se desenvolve sem estabelecer nenhuma relação consanguínea com a esposa do pai. A mulher não passa, então, de um recipiente próprio para o desenvolvimento do novo ser. E ela será sempre uma parente afim tanto de seu marido quanto de seu filho. Esta teoria permite o matrimônio entre

meio-irmãos, isto é, jovens que tenham a mesma mãe e pais diferentes.<sup>3</sup>

As explicações encontradas pelos membros das diversas sociedades humanas, portanto, são lógicas e encontram a sua coerência dentro do próprio sistema. Nunca é demais repetir o clássico trecho de E.E. Evans-Pritchard no qual explica como a ação da feitiçaria é entendida pela filosofia Azande: "Considerada como sistema de filosofia natural, ela [a feitiçaria] implica uma teoria de causas: a infelicidade resulta da feitiçaria, que trabalha em combinação com as forças naturais. Caso um homem receba uma chifrada de um búfalo, caso lhe caia na cabeça um celeiro cujos suportes tenham sido minados pelas térmitas, ou contraia uma meningite cérebro-espinhal, os Azande afirmarão que o búfalo, o celeiro ou a doença são causas que se conjugam com a feitiçaria para matar o homem. Pelo búfalo, pelo celeiro, pela doença, a feitiçaria não é responsável, pois existem por si mesmos; mas o é pela circunstância particular que os põe em relação destruidora com um certo indivíduo. O celeiro teria caído de qualquer maneira, mas foi pela feitiçaria que caiu em um dado momento e quando certo indivíduo repousava embaixo. Entre todas essas causas, apenas a feitiçaria é significativa no plano das relações sociais."<sup>4</sup>

Talvez seja mais fácil para o leitor entender a lógica e a coerência de um sistema cultural tratando-o como uma forma de classificação. Muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa, na verdade, de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural, mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva.

Rodney Needham, antropólogo inglês, faz uma interessante analogia, baseada em estudos sobre indivíduos cegos desde o nascimento e que ganham a visão através de uma cirurgia. A reação inicial é de uma dolorosa aflição diante de uma caótica confusão de cores e formas. Estas lhes parecem não ter nenhuma relação compreensível entre si. “Apenas vagarosamente e com um intenso esforço pode apreender que esta confusão manifesta uma ordem, e somente com uma aplicação resoluta é capaz de distinguir e classificar objetos e adquirir o significado de termos tais como ‘espaço’ e ‘forma’. Quando um etnólogo inicia o seu estudo de um povo estranho ele está numa situação análoga, e no caso de uma sociedade desconhecida ele pode exatamente ser descrito como culturalmente cego.”<sup>5</sup>

O que podemos deduzir da analogia formulada por Needham é que cada cultura ordenou a seu modo o mundo que a circunscreve e que esta ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais. É este procedimento que consiste em um sistema de classificação.

Retomemos o exemplo da floresta utilizado no início do primeiro capítulo da segunda parte deste trabalho. O amontoado de árvores e arbustos só pode ser ordenado quando é classificado através de uma taxionomia. Esta, contudo, não é uma propriedade da botânica ocidental, pois muitas sociedades tribais construíram sistemas de classificação bastante sofisticados para o mundo vegetal que as envolve. Assim, os índios Tewa do Novo México “têm nomes para designar todas as espécies de coníferas da região; ora, neste caso, as diferenças são pouco visíveis e, entre os brancos, um indivíduo sem treinamento seria incapaz de as distinguir ... . Realmente, nada impediria a tradução em Tewa de um

tratado de botânica”. (Robbins, Harrington e Freire-Marreco, citados por Lévi-Strauss, 1976, p.25.)

Que todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação para o mundo natural parece não haver mais dúvida, mas é importante reafirmar que esses sistemas divergem entre si porque a natureza não tem meios de determinar ao homem um só tipo taxionômico. Por isso o morcego é muitas vezes colocado numa mesma categoria com as aves, da mesma forma que a baleia é vulgarmente considerada um peixe. No norte de Goiás, uma dona de pensão nos afirmou que o “rato era um inseto impertinente”. Constatamos, então, que como inseto eram classificados todos os seres vivos que perturbam o mundo doméstico.

Finalmente, entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo. Como categorias entendemos, como Mauss, “esses princípios de juízos e raciocínios ... constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitas, elas existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos diretrizes da consciência, elas próprias inconscientes. A noção de *mana* é um desses princípios: ela está dada na linguagem; está implicada em toda uma série de juízos e raciocínios, tendo por objetos atributos que são aqueles do *mana*”.<sup>6</sup> O leitor brasileiro entenderá melhor esta definição se trocar a palavra *mana* por panema, azar ou reima.<sup>7</sup>

## 5. A CULTURA É DINÂMICA

---

Num exercício de imaginação, suponhamos que um dos missionários jesuítas do século XVI, durante a sua permanência no Brasil, tenha dividido as suas observações entre o comportamento dos indígenas e os hábitos das formigas saúva. Quatro séculos depois, qualquer entomologista poderá constatar que não houve qualquer mudança nos hábitos dos referidos insetos. Durante quase meio milênio, as habitantes do formigueiro repetiram os procedimentos de suas antecessoras, obedecendo apenas às diretrizes de seus padrões genéticos. Supondo, por outro lado, numa hipótese quase absurda, que um dos grupos indígenas observados tenha sobrevivido aos quatro séculos de dizimação, graças a um isolamento em relação aos brancos, o que constataria um antropólogo moderno?

A tendência de muitos leigos seria a de responder que essas pequenas sociedades tendem a ser estáticas e que, portanto, o antropólogo confirmaria as observações do missionário. Essa tendência decorre do fato de que as chamadas sociedades simples dão realmente uma impressão de estaticidade. Por exemplo, em 1964 fotografamos um ritual xinguanó e a foto foi, posteriormente, comparada a um desenho de Von den Steinen, que ali esteve 80 anos antes. Desta comparação poderíamos ser levados, tal a identidade exis-

tente entre os dois documentos, a afirmar que não ocorreu modificação naquela sociedade no último século.

Mas seria verdadeira tal dedução? A resposta é negativa. Em primeiro lugar, porque os ritos religiosos situam-se entre as partes de uma sociedade que parecem ter uma menor velocidade de mudança. Em segundo lugar, porque a foto não cobre todas as variáveis do ritual. Consideremos que, em vez do ritual xinguano, os dois documentos retratassem uma parte da missa católica. O aspecto apenas visual dos mesmos daria a falsa impressão de que não houve nenhuma mudança no ritual. E nós sabemos que estas mudanças ocorreram.

A resposta do antropólogo seria, portanto, diferente da da maioria dos leigos. O espaço de quatro séculos seria suficiente para demonstrar que a referida sociedade indígena mudou, porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los. O antropólogo concordaria, porém, que as sociedades indígenas isoladas têm um ritmo de mudança menos acelerado do que o de uma sociedade complexa, atingida por sucessivas inovações tecnológicas. Esse ritmo indígena decorre do fato de que a sociedade está satisfeita com muitas de suas respostas ao meio e que são resolvidas por suas soluções tradicionais. Mas esta satisfação é relativa; muito antes de conhecer o machado de aço, os nossos indígenas tinham a consciência da ineficácia do machado de pedra. Por isto, o nosso machado representou um grande item na atração dos índios.

No *Manifesto sobre aculturação*, resultado de um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953, os autores afirmam que “qualquer sistema cultural está num

contínuo processo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico mas, antes, a passagem de uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas".

2 tipos de Mudança  
1) Interna  
2) Por contato

Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro.

No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase impercebível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato.

O segundo caso, como vimos na afirmação do *Manifesto sobre aculturação*, pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas.

Este segundo tipo de mudança, além de ser o mais estudado, é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas. É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais. Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos. Para atende-la foi necessário o desenvolvimento de um esquema conceitual específico. Surge, então, o conceito de acultura-

ção, utilizado desde o início do século pela antropologia alemã e a partir de 1928 pelos antropólogos anglo-saxões. Através destes o conceito atinge o nosso meio acadêmico, mas somente passa a ser utilizado amplamente a partir dos anos 50, depois que Eduardo Galvão apresentou o seu “Estudo de aculturação dos grupos indígenas brasileiros”, na I Reunião Brasileira de Antropologia, em 1953.

Deixaremos de lado as mudanças mais espetaculares, como as decorrentes de uma revolução política — como a francesa ou soviética; as resultantes de uma inovação científica — como as conseqüências da invenção do avião ou da pílula anticoncepcional para, num exercício didático, discorrermos mais sobre as que agem lentamente sobre os nossos hábitos culturais. É necessário, porém, lembrar sempre que ambas pertencem a um mesmo tipo de fenômeno, vinculadas que são ao caráter dinâmico da cultura.

Começemos pela descrição de um tipo carioca, feita por Machado de Assis, em *Dom Casmurro*: “E vimos passar com suas calças brancas engomadas, presilhas, rodiques e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodique de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia.” Não há dúvida que as vestimentas masculinas mudaram muito, nestes últimos 100 anos, na cidade do Rio de Janeiro. Muitas outras mudanças sucederam as descritas por Machado de Assis, passando pelas pesadas vestimentas de casimira preta do início do século, até o modo informal de vestir dos dias de hoje.

São mudanças como essas que comprovam de uma maneira mais evidente o caráter dinâmico da cultura.

Basta que o jovem leitor converse com seus pais e compare a nossa vida quotidiana com a dos anos 50, por exemplo. Ele poderá, então, imaginar estar em plena noite, postado diante de um espelho, ajeitando o nó triangular de sua gravata, bem no centro de seu colarinho, mantido reto pela ação das hastes de barbatana. Poderá também imaginar o seu sentimento de vaidade ao reparar quão bem passado está o seu terno de casimira azul. Enfim, estava pronto para brilhar em mais um baile. Antes, porém, de entrar no salão não dispensaria o reforço de uma dose de bebida, seguida do mastigar de um chiclete capaz de disfarçar o forte cheiro de aguardente. Com esta dose adicional de coragem, o jovem estaria apto para audaciosamente atravessar o salão e, numa discreta mesura diante da escolhida, perguntar: “a senhorita me dá o prazer desta dança?”

Tudo estaria bem com a resposta afirmativa da moça. Mas, se esta, rompendo os limites da etiqueta, não aceitava o convite, o mundo abria aos pés do jovem, que voltava murcho e cabisbaixo para o seu lugar, lamentando a “bruta tábua que levava”.

Um quarto de século depois, esse pequeno drama social era perfeitamente desconhecido para muitos jovens que jamais compreenderão perfeitamente como era esse estranho ritual denominado baile.

São essas aparentemente pequenas mudanças que cavam o fosso entre as gerações, que faz com que os pais não se reconheçam nos filhos e estes se surpreendam com a “caretice” de seus progenitores, incapazes de reconhecer que a cultura está sempre mudando.

O tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura. Nesse mesmo quarto de século, mudaram-se os padrões de beleza. Regras morais que eram vigentes passaram a ser consideradas nulas: hoje uma jovem pode fumar em público sem que a sua reputação seja ferida. Ao contrário de sua mãe, pode ceder um beijo ao namorado em plena luz do dia. Tais fatos atestam que as mudanças de costumes são bastante comuns. Entretanto, elas não ocorrem com a tranqüilidade que descrevemos. Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.

Assim, uma moça pode hoje fumar tranqüilamente em público, mas isto somente é possível porque antes dela numerosas jovens suportaram as zombarias, as recriminações, até que estas se esgotaram diante da nova evidência. Por isto, num mesmo momento é possível encontrar numa mesma sociedade pessoas que têm juízos diametralmente opostos sobre um novo fato.

Talvez seja mais fácil explicar a mudança raciocinando em termos de padrões ideais e padrões reais de comportamento. Nem sempre os padrões ideais podem ser efetivados. Neste caso, as pessoas agem diferentemente (esta ação constitui os padrões reais), mas consideram que os seus procedimentos não são exatamente os mais desejados pela sociedade. Tomemos, como exemplo, as regras matrimoniais dos

Tupi. Os índios Akuáwa-Asurini (do sudeste do Pará) consideram que um homem deve casar preferencialmente com a filha do irmão da mãe; ou com a filha da irmã do pai; ou ainda com a filha da irmã. Mas razões diversas, entre elas as de ordem demográfica, fazem com que nem sempre o homem encontre esposas dentro dessas categorias genealógicas. Assim, qualquer outro casamento é tolerado desde que a mulher não seja mãe, filha ou irmã do noivo. Em decorrência destas regras, os Akuáwa-Asurini classificam o casamento segundo três tipos. Ao primeiro denominam de "katu-eté" (muito bom) e é referente a todas as uniões realizadas de acordo com as regras preferenciais relacionadas acima. O segundo tipo é aquele que engloba todos os casamentos que não estão de acordo com as regras preferenciais, mas também não são proibidos, e que são denominados "katu" (bom). Do ponto de vista estatístico este é o tipo de casamento mais comum. Finalmente, o terceiro tipo, denominado "katu-ĩ", é o referente às uniões dentro das categorias proibidas, ou seja, aquelas que levam ao rompimento da proibição do incesto.

O fato de que a maioria dos matrimônios não corresponde ao ideal somente pode ser considerado uma mudança quando as pessoas, além de agirem diferentemente, começam a colocar em dúvida a validade do modelo.

Tomemos agora um exemplo de nossa sociedade. No início dos anos 70, uma revista fez uma pesquisa sobre o comportamento sexual da mulher brasileira. O resultado indicou que existia uma porcentagem significativa que não agia de acordo com os padrões tradicionais da sociedade. Ou seja, tornavam-se mais frequentes as relações sexuais pré-matrimoniais e o número de relações extraconjugais. A

publicação desses resultados — mesmo deixando de lado a validade da amostra levantada na pesquisa — causou uma grande reação por parte de diferentes setores e a revista teve a sua edição apreendida. Menos de dez anos depois, uma outra revista repetiu a pesquisa, com uma amostragem bem maior, e os resultados foram mais significativos do que os da vez anterior. Comprovavam enfaticamente uma mudança no comportamento feminino. Dessa vez, contudo, a reação não ocorreu e a revista circulou livremente. Tal fato significa, sem dúvida, a ocorrência de mudanças nos padrões ideais da sociedade de forma a ajustá-la aos eventos reais. Em outras palavras, a mudança chegou a uma tal dimensão que modificou o próprio padrão ideal.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

## Anexo 1

### UMA EXPERIÊNCIA ABSURDA

Kroeber, em seu artigo “O superorgânico”, refere-se a duas experiências que teriam sido praticadas no passado. Embora o autor duvide da veracidade das mesmas, ele as utiliza como exemplo de reflexão sobre a natureza humana:

Heródoto conta-nos que um rei egípcio, desejando verificar qual a língua-mater da humanidade, ordenou que algumas crianças fossem isoladas da sua espécie, tendo somente cabras como companheiros e para o seu sustento. Quando as crianças já crescidas foram de novo visitadas, gritaram a palavra bekos, ou, mais provavelmente bek, suprimindo o final, que o grego padronizador e sensível não podia tolerar que se omitisse. O rei mandou então emissários a todos os países a fim de saber em que terra tinha esse vocábulo alguma significação. Ele verificou que no idioma frígio isso significava pão, e, supondo que as crianças estivessem reclamando alimentos, concluiu que usavam o frígio para falar a sua linguagem humana “natural”, e que essa língua devia ser, portanto, a língua original da humanidade. A crença do rei numa língua humana inerente e congênita, que só os cegos acidentes temporais tinham decomposto numa multidão de idiomas, pode parecer simples; mas,

ingênua como é, a inquirição revelaria que multidões de gente civilizada ainda a ela aderem.

Contudo, não é essa a nossa moral da história. Ela está no fato de que a única palavra, *bek*, atribuída às crianças, constituía apenas, se a história tem qualquer autenticidade, um reflexo ou imitação — como conjecturam há muito os comentadores de Heródoto — do grito das cabras, que foram as únicas companheiras e instrutoras das crianças. Em suma, se for permitido deduzir qualquer inferência de tão apócrifa anedota, o que ela prova é que não há nenhuma língua humana natural e, portanto, nenhuma língua humana orgânica.

Milhares de anos depois, outro soberano, o imperador mongol Akbar, repetiu a experiência com o propósito de averiguar qual a religião natural da humanidade. O seu bando de crianças foi encerrado numa casa. Quando decorrido o tempo necessário, ao se abrirem as portas na presença do imperador expectante e esclarecido, foi grande o seu desapontamento: as crianças saíram tão silenciosas como se fossem surdas-mudas. Contudo, a fé custa a morrer; e podemos suspeitar que será preciso uma terceira experiência, em condições modernas escolhidas e controladas, para satisfazer alguns cientistas naturais e convencê-los de que a linguagem, para o indivíduo humano como para a raça humana, é uma coisa inteiramente adquirida e não hereditária, completamente externa e não interna — um produto social e não um crescimento orgânico.<sup>1</sup>

É óbvio que quando Kroeber fala em linguagem está implícita a possibilidade de estender o seu raciocínio para

toda a cultura. Muitos anos depois de Kroeber, Clifford Geertz demonstrou não ser possível, à luz do conhecimento atual, esperar algum resultado de uma terceira experiência:

... isso sugere não existir o que chamamos de natureza humana independente da cultura. Os homens sem cultura não seriam os selvagens inteligentes de *Lord of the Flies*, de Golding, atirados à sabedoria cruel dos seus instintos animais; nem seriam eles os bons selvagens do primitivismo iluminista, ou até mesmo, como a antropologia insinua, os macacos intrinsecamente talentosos que, por algum motivo, deixaram de se encontrar. Eles seriam monstruosidades incontroláveis, com muito poucos instintos úteis, menos sentimentos reconhecíveis e nenhum intelecto: verdadeiros casos psiquiátricos. Como nosso sistema nervoso central — e principalmente a maldição e glória que o coroam, o neocórtex — cresceu, em sua maior parte, em interação com a cultura, ele é incapaz de dirigir nosso comportamento ou organizar nossa experiência sem a orientação fornecida por sistemas de símbolos significantes.<sup>2</sup>

## Anexo 2

### A DIFUSÃO DA CULTURA

Não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foram criados por um processo autóctone, foram copiados de outros sistemas culturais. A esses empréstimos culturais a antropologia denomina difusão. Os antropólogos estão convencidos de que, sem a difusão, não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade. Nas primeiras décadas do século XX, duas escolas antropológicas (uma inglesa, outra alemã), denominadas difusionistas, tentaram analisar esse processo. O erro de ambas foi o de superestimar a importância da difusão, mais flagrante no caso do difusionismo inglês que advogava a tese de que todo o processo de difusão originou-se no velho Egito.

Mas deixando de lado o exagero difusionista, e mesmo considerando a importância das invenções simultâneas (isto é, invenções de um mesmo objeto que ocorreram inúmeras vezes em povos de culturas diferentes situados nas diversas regiões do globo), não poderíamos ignorar o papel da difusão cultural.

Numa época em que os norte-americanos viviam um grande desenvolvimento material e os seus sentimentos nacionalistas faziam crer que grande parte desse progresso era resultado de um esforço autóctone, o antropólogo Ralph

Linton escreveu um admirável texto sobre o começo do dia do homem americano:

O cidadão norte-americano desperta num leito construído segundo padrão originário do Oriente Próximo, mas modificado na Europa Setentrional, antes de ser transmitido à América. Sai debaixo de cobertas feitas de algodão cuja planta se tornou doméstica na Índia; ou de linho ou de lã de carneiro, um e outro domesticados no Oriente Próximo; ou de seda, cujo emprego foi descoberto na China. Todos estes materiais foram fiados e tecidos por processos inventados no Oriente Próximo. Ao levantar da cama faz uso dos “mocassins” que foram inventados pelos índios das florestas do Leste dos Estados Unidos e entra no quarto de banho cujos aparelhos são uma mistura de invenções europeias e norte-americanas, umas e outras recentes. Tira o pijama, que é vestiário inventado na Índia e lava-se com sabão que foi inventado pelos antigos gauleses, faz a barba que é um rito masoquístico que parece provir dos sumerianos ou do antigo Egito.

Voltando ao quarto, o cidadão toma as roupas que estão sobre uma cadeira do tipo europeu meridional e veste-se. As peças de seu vestuário têm a forma das vestes de pele originais dos nômades das estepes asiáticas; seus sapatos são feitos de peles curtidas por um processo inventado no antigo Egito e cortadas segundo um padrão proveniente das civilizações clássicas do Mediterrâneo; a tira de pano de cores vivas que amarra ao pescoço é sobrevivência dos xales usados aos ombros pelos croatas do século XVII. Antes de ir tomar o seu *breakfast*, ele olha a rua através da vidraça feita de vidro

inventado no Egito; e, se estiver chovendo, calça galochas de borracha descoberta pelos índios da América Central e toma um guarda-chuva inventado no sudoeste da Ásia. Seu chapéu é feito de feltro, material inventado nas estepes asiáticas.

De caminho para o *breakfast*, pára para comprar um jornal, pagando-o com moedas, invenção da Líbia antiga. No restaurante, toda uma série de elementos tomados de empréstimo o espera. O prato é feito de uma espécie de cerâmica inventada na China. A faca é de aço, liga feita pela primeira vez na Índia do Sul; o garfo é inventado na Itália medieval; a colher vem de um original romano. Começa o seu *breakfast* com uma laranja vinda do Mediterrâneo Oriental, melão da Pérsia, ou talvez uma fatia de melancia africana. Toma café, planta abissínia, com nata e açúcar. A domesticação do gado bovino e a idéia de aproveitar o seu leite são originárias do Oriente Próximo, ao passo que o açúcar foi feito pela primeira vez na Índia. Depois das frutas e do café vêm *waffles*, os quais são bolinhos fabricados segundo uma técnica escandinava, empregando como matéria-prima o trigo, que se tornou planta doméstica na Ásia Menor. Rega-se com xarope de *maple*, inventado pelos índios das florestas do Leste dos Estados Unidos. Como prato adicional talvez coma o ovo de uma espécie de ave domesticada na Indochina ou delgadas fatias de carne de um animal domesticado na Ásia Oriental, salgada e defumada por um processo desenvolvido no Norte da Europa.

Acabando de comer, nosso amigo se recosta para fumar, hábito implantado pelos índios americanos e que consome uma planta originária do Brasil; fuma cachim-

bo, que procede dos índios da Virgínia, ou cigarro, proveniente do México. Se for fumante valente, pode ser que fume mesmo um charuto, transmitido à América do Norte pelas Antilhas, por intermédio da Espanha. Enquanto fuma, lê notícias do dia, impressas em caracteres inventados pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha. Ao inteirar-se das narrativas dos problemas estrangeiros, se for bom cidadão conservador, agradecerá a uma divindade hebraica, numa língua indo-européia, o fato de ser cem por cento americano.<sup>1</sup>